

PERSPECTIVAS DA LUTA GUERRILHEIRA ARMADA PARAGUAIA: UMA REVOLUÇÃO SOCIALISTA POSSÍVEL NO SÉCULO XXI?

Junior Ivan Bourscheid¹

Resumo

O presente artigo intenta apresentar e analisar as perspectivas e desafios ao movimento guerrilheiro *Ejército del Pueblo Paraguayo (EPP)*, em sua tentativa de implantação de uma revolução socialista no Paraguai. Para tanto, são expostas e debatidas as incapacidades do Estado paraguaio na promoção de mudanças sociais que lançassem as bases para a superação das históricas assimetrias sociais, sua manutenção com o advento da democracia na década de 1990, dificultando a legitimação e a representatividade do regime, e fazendo com que se fomentasse a eclosão do movimento revolucionário, e posteriormente da guerrilha armada do século XXI. Por meio do aporte leninista – fundamento utilizado pelo EPP – busca-se compreender a ação do EPP e consequentemente analisar suas possibilidades de êxito como organização revolucionária. Da mesma forma, contemplam-se os desafios postos à ação guerrilheira, tanto de ordem interna da organização, quanto de ordem externa. Por conseguinte, considera-se que a utilização da violência revolucionária não alcançará seus objetivos, cabendo à conscientização revolucionária de classe e à democracia de massas o papel central em um processo de implantação do socialismo.

Palavras-chave: Paraguai; revolução socialista; guerrilha; *Ejército del Pueblo Paraguayo (EPP)*.

Abstract

This paper intends to present and analyze the prospects and challenges to the guerrilla movement Paraguayan People Army (EPP) in its attempt to implement a socialist revolution in Paraguay. To that end, will be exposed and debated the Paraguayan State's disabilities in promoting social change to cast the foundations to overcome the historical social imbalances, its maintenance with the advent of democracy in the 1990s, hampering the legitimacy and representativeness of the regime, and making that would foster the outbreak of the revolutionary movement, and later the guerrilla army of the XXI century. Through the Leninist contribution - foundation used by the EPP – we seek to understand

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Bacharel em Relações Internacionais pela Universidade Federal de Santa Maria (2014). Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Pesquisador membro do Núcleo de Pesquisas em Relações Internacionais de Santa Maria (PRISMA). 2º Secretário do Centro de Integração Latino-Americana (CILAM).

the EPP action and thus analyze their chances of success as a revolutionary organization. Similarly, it is contemplated the challenges posed to the guerrilla action, in the domestic order of the organization, as well as the external order. Therefore, it is considered that the use of revolutionary violence will not achieve their goals, having the revolutionary class consciousness and mass democracy the central role in a socialist deployment process.

Keywords: Paraguay; Socialist revolution; guerrilla; Paraguayan People Army (EPP).

1 INTRODUÇÃO

Este artigo busca apresentar e analisar as perspectivas e desafios que se colocam à ação revolucionária guerrilheira armada do *Ejército del Pueblo Paraguayo* (EPP) contra o Estado democrático vigente, visando a supressão da democracia oligárquica² e sua substituição por uma democracia revolucionária, baseada em um Estado Socialista e popular, recorrendo ao exemplo histórico da República Popular do Paraguai (1814-1870). Tais preceitos estão contidos no Programa Político do EPP, escrito por Britez (2011), e que será um dos elementos centrais da análise.

Para tal fim, faz-se necessário compreender as estruturas sob as quais se constituiu o regime democrático paraguaio, suas incapacidades, debilidades e insuficiências institucionais, engendrando uma crise de legitimidade e de representação do regime perante a população. Esta reflexão permite elencar alguns dos fatores que fomentam a eclosão de movimentos reivindicadores do câmbio social, decisivamente aprofundados com o processo de democratização

² O termo “oligarquia” e a adjetivação do sistema político como “democracia oligárquica” seguem as concepções de Portantiero (1983) e Togliatti (1980), como uma forma de conotar o entrelaçamento da estrutura e da superestrutura, onde os fatores políticos e econômicos se mesclam, interagem, de forma que a dominação política não está desvinculada da hierarquização econômica, e esta não pode prescindir das relações políticas. De tal modo, considera-se um sistema oligárquico quando ele representa uma pequena parcela da população, que é justamente a parte do topo da hierarquia econômica. Mas essa elite não age meramente com base na coerção econômica, valendo-se do consenso por meio do sistema político para legitimar seu predomínio.

paraguaia, paralelamente ao surgimento do movimento revolucionário, com suas vertentes política e militar. Desses debates, emergem as ferramentas teóricas que possibilitam a compreensão do surgimento da guerrilha armada do EPP.

O debate contemporâneo das Relações Internacionais traz em sua agenda temas como o consenso democrático-liberal, o aprofundamento do processo de globalização, o terrorismo internacional, as crises do sistema capitalista e a integração regional. Este artigo se propõe a realizar uma discussão sobre esses temas, aplicada a uma realidade específica – a paraguaia – e a um fenômeno específico – a luta guerrilheira armada dos *epepistas*.

Lançar-se-á mão de ferramentas teóricas do leninismo buscando compreender o EPP, tendo em conta que os *epepistas* se utilizam do projeto leninista para a tomada do poder, apreciando fatores conjunturais e estruturais, internos e internacionais, que forneçam inteligibilidade ao fenômeno estudado: o surgimento de uma guerrilha armada rural no Paraguai, no início do século XXI. Da mesma forma, serão apresentadas e debatidas as possibilidades e dificuldades que se colocam frente ao movimento guerrilheiro paraguaio, em sua tentativa de deflagração da revolução socialista nacional.

2 CONDICIONANTES INTERNAS E EXTERNAS ÀS POSSIBILIDADES DE EFETIVAÇÃO DA REVOLUÇÃO SOCIALISTA PARAGUAIA

2.1 A TRANSIÇÃO POLÍTICA: MANUTENÇÃO DO QUADRO POLÍTICO-SOCIAL

A transição da década de 1980 para a de 1990 representou um ponto de inflexão sem precedentes para o Sistema Internacional, assim como para o Cone

Sul. O desfecho das tensões do mundo bipolar e o fim dos regimes autoritários sul-americanos foram duas classes marcantes de eventos dentro desse contexto. No caso da República do Paraguai, o regime autoritário do General Alfredo Stroessner (1954-1989) é suprimido e instalado um governo provisório, em 3 de fevereiro de 1989, responsável pela convocação de uma Assembleia Constituinte para elaboração e aprovação da nova Constituição Nacional (aprovada em 1992), bem como de convocar eleições livres e diretas, para os cargos nacionais (realizadas em 1993) (BRUN, 2010).

No entanto, as alterações das instituições políticas não acarretaram uma mudança substancial na economia paraguaia, que havia sido transformada pelas políticas *stronistas*. Desde o início de seu governo, Stroessner havia percebido que a inserção da economia paraguaia no bloco capitalista oferecia perspectivas de auxílio econômico das grandes potências ocidentais para sua estabilização, bem como do seu regime político. Todavia, para a efetivação desses auxílios econômicos, era necessário que o país se tornasse atrativo aos investimentos internacionais, convertendo-o em confiável pagador dos auxílios. É então que Stroessner empreende sua política *ricardiana* de vantagens comparativas (GONZÁLEZ, 2010).

O Paraguai volta-se para a produção de grandes complexos agrícolas – a partir da década de 1970 decisivamente o complexo da soja, produto primário com boas cotações nos mercados internacionais, assim como o algodão e a pecuária – fornecedores das divisas internacionais (dólares) tão necessárias para se fazer frente aos empréstimos tomados pelo governo *stronista* (GONZÁLEZ, 2009; VILLAGRA, 2009). Fogel (2006) e Viladesau *et al.* (2007) corroboram a afirmação de que existiam planejamentos governamentais a fim de expandir a produção dos principais complexos agrícolas no país, implantando as diretrizes da chamada revolução verde e da Aliança para o Progresso, desmantelando a

base familiar campesina de produção, responsável pela ocupação de grande parcela da população.

Constata-se, então, que a economia agroexportadora se tornou base para a manutenção do regime *stronista*, convertendo-se em sua prioridade. Contudo, as estruturas produtivas paraguaias não estavam adaptadas para tal modelo de produção, sendo que a maioria da população rural paraguaia estava composta pelos pequenos produtores camponeses, que não estavam aptos para atender a nova demanda nacional criada pelo governo autoritário. Stroessner concebe uma solução para esta dificuldade estrutural apresentada ao seu novo modelo de crescimento econômico nacional, que inserirá uma condicionante irreversível ao movimento revolucionário paraguaio: a inclusão do estrangeiro (basicamente os brasileiros) como o grande produtor nacional, tendo o governo preterido a população camponesa paraguaia em relação aos salvadores do regime *stronista* (LAINO, 1979; GLAUSER, 2009).

A abertura do Paraguai aos estrangeiros, além de trazer novamente à discussão o tema da Guerra da Tríplice Aliança (1865-1870)³, acarretando duras críticas dos opositores ao processo de estrangeirização do Paraguai (LAINO, 1979), fomenta o acirramento das assimetrias sociais, principalmente no campo, onde a grande massa camponesa, além de não presenciar um processo de auxílio governamental, vê o surgimento de um projeto governamental no qual as parcelas produtivas camponesas são suprimidas em benefício dos agroexportadores – em sua maioria brasileiros (GLAUSER, 2009). Fogel (2006. p. 96) evidencia que: “esta discriminação que sofrem os camponeses paraguaios em

³ Conflito perpetrado pela Aliança entre a Argentina, o Império do Brasil e o Uruguai contra a República do Paraguai, comandada pelo Marechal Francisco Solano López. Ao se finalizar o conflito o Paraguai havia sido destruído, perdendo cerca de 80% de sua população, territórios e a própria soberania (inicialmente) para os aliados. A forma como fora orquestrado o conflito, como fora conduzido e seus resultados fizeram com que a população paraguaia criasse uma imagem hostil com relação aos seus algozes (MARTÍNEZ, 2011).

seu próprio território determina um discurso nacionalista de camponeses mobilizados, já desde o início do século passado, nas lutas pela terra”.

A dependência do governo de Stroessner em relação aos empréstimos estrangeiros levou à abertura do país aos colonos brasileiros, e à instalação da produção agroexportadora latifundiária (LAINO, 1979). Concomitantemente, somava-se o autoritarismo que impedia a mobilização dos distintos grupos da sociedade paraguaia afetados por tais medidas, ademais de utilizar-se de métodos ilícitos para a efetivação das políticas de abertura nacional aos estrangeiros (VILLAGRA, 2014), comprovadas por recente documentação publicada pela Comisión de Verdad y Justicia (2008), que no quadro 1 (*Tierras Mal Habidas durante la Dictadura*) do relatório, informa que 6.744.005 hectares foram repassados pelo Estado de forma ilícita, desrespeitando o próprio Estatuto Agrário, confirmando as denúncias existentes desde o início do projeto *stronista*.

Esta estruturação social, política e econômica paraguaia, agravou as assimetrias econômicas existentes⁴. Tornou o governo, bem como a política paraguaia em nível mais geral, dependente da oligarquia agroexportadora, que se converteu em elite nacional⁵. Paralelamente, o autoritarismo *stronista* legou ao regime democrático uma população com pouca mobilização e participação na vida pública. Como uma seqüela ou trauma da repressão do regime emergiu um temor para a participação política, rompida por alguns poucos movimentos (GOIRIS, 2000).

⁴ Analisando os dados da CEPAL (Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe) um primeiro indicador que se sobressai é o relativo à pobreza. Em 2011 a taxa de pobreza no Paraguai alcançava 49,6%, sendo que a taxa de pobreza urbana era de 42,9% e a rural era de 59,3%. Ademais, a taxa de indigência era de 28%, sendo que a urbana era de 18,2% e a rural era de 42,1% (fonte: CEPALSTAT, 2014).

⁵ Com isso, 85% das terras estão em posse de 1,6% dos proprietários, enquanto no outro extremo 6,2% das terras estão em posse de 80,6% dos proprietários, em um quadro de profunda concentração de terras em latifúndios voltados para a produção dos principais complexos agroexportadores (VILLAGRA, 2009).

2.2 O MOVIMENTO REVOLUCIONÁRIO PARAGUAIO

Adaptações conjunturais são essenciais para a manutenção do sistema capitalista. O marxismo, mais especificamente o leninismo, concebe o capitalismo como estruturalmente contraditório, dadas as tensões sociais existentes pela detenção dos meios de produção por uma parcela da população, conformando as assimetrias socioeconômicas existentes entre os indivíduos e, em nível mundial, entre as nações. Tais contradições fazem com que o capitalismo necessite de readaptações recorrentes, buscando dissipar potenciais conflitos sociais. É neste sentido que Sampaio Júnior (2011) apresenta a relevância de se retomar as discussões do imperialismo, mesmo nesta nova etapa do capitalismo – o aprofundamento decisivo do processo de globalização ou mundialização –, quando se imaginava o fim destas contradições, motivado pela tanto pela dissolução do intento soviético, quanto pelo crescente entrelaçamento das economias em âmbito mundial.

(...) A supremacia ilimitada do capitalismo não inaugurou um período de prosperidade, democracia e paz, mas uma época marcada pela instabilidade econômica, pela intensificação das tendências autocráticas do regime burguês, pela ausência de qualquer limite à guerra econômica entre as megaempresas multinacionais que disputam o controle do mercado mundial e pela revitalização de formas explícitas de colonialismo e neocolonialismo que acompanham a terceira divisão do mundo pelas grandes potências imperialistas. O acirramento dos antagonismos do modo de produção capitalista prenuncia um futuro de grandes turbulências sociais, dramáticas comoções políticas e catastróficos desastres ecológicos (SAMPAIO JÚNIOR, 2011. p. 8).

Em 1993 ocorrem as primeiras eleições democráticas pós-Stroessner⁶, momento em que o movimento revolucionário paraguaio esperava utilizar-se da atmosfera de euforia e esperança dos mais variados setores da sociedade paraguaia, para consolidar uma proposta revolucionária no cenário nacional (MARTÍNEZ, 2011). O resultado do pleito não refletiu toda a agitação política anterior. Juan Carlos Wasmosy, candidato do Partido Colorado (Asociación Nacional Republicana - ANR), foi eleito presidente da República, mantendo a hegemonia do partido, sob a presidência de um representante do empresariado beneficiado pelo regime stronista, principalmente nas obras da hidroelétrica de Itaipu (CIANCIO, 2008).

Quanto ao movimento revolucionário paraguaio, frustrou-se por acreditar que simplesmente o anseio da população por mudanças providas pelo regime democrático promoveria a afirmação do ideal revolucionário, sem haver a elucidação da consciência de classe nos setores menos favorecidos da sociedade, possibilitando a formação de quadros revolucionários promotores da revolução socialista no país, quadros estes que deveriam ser formados por uma organização permanente das massas, que na perspectiva revolucionária clássica era consubstanciada no Partido de vanguarda (LÊNIN, 2011; GRAMSCI, 2012).

A tentativa inicial dos *francistas*⁷ consistiu na organização dos revolucionários que já haviam militado durante o regime *stronista*, sob a égide do *Movimiento Patria Libre (MPL)*. No entanto, a organização do movimento estava centrada na união de alguns líderes revolucionários buscando os votos do eleitorado paraguaio, desprovido de consciência de classe e crédulo que a

⁶ Já haviam sido realizadas eleições gerais em 1989, mas o processo fora considerado pouco democrático, com uma infinidade de denúncias de fraude direta e indireta, sendo respeitados os resultados pela oposição apenas para que se prosseguisse com o processo de democratização (CIANCIO, 2008).

⁷ Essa denominação é utilizada pelos revolucionários paraguaios pós-Stroessner, fazendo uma alusão ao Presidente da República José Gaspar Rodríguez de Francia (1814-1840), que estabeleceu a República Popular e instalou um regime nacionalista de bases socializantes, próximo dos principais postulados da teoria socialista marxista.

mudança de regime político bastaria para a efetivação de políticas públicas que possibilitassem emergir o processo de câmbio social (BOZZOLASCO, 2013).

Com o malogro da experiência eleitoral de 1993 ocorre uma reorganização dos revolucionários *francistas*, sob o marco do MPL, baseado num modo de organização leninista, devendo através de seus líderes se iniciar a formação de quadros revolucionários em nível local e regional, concomitantemente à elucidação da consciência de classe na população pobre das regiões de atuação do MPL. O método utilizado era o da *educação popular*, de Paulo Freire, utilizando ferramentas mais próximas da realidade camponesa, permitindo a identificação dos camponeses com aquele ideal que se estabelecia (MARTÍNEZ, 2011).

A militância política do MPL forma algumas secretarias regionais com ampla participação na vida política de suas localidades, tornando a organização conhecida⁸. Não obstante, a oligarquia paraguaia e seus aliados (grandes meios de comunicação, organizações classistas oligárquicas, partidos políticos representantes de seus interesses) conseguiram manter a consciência da população voltada para o pensamento dualista de conciliação entre uma promessa de mudança social e a manutenção do modelo agroexportador (BOZZOLASCO, 2013). Boron (2003) elucida essa dualidade entre a conjuntura política e a econômica, ao afirmar que:

(...) A contradição é flagrante: a mão invisível que o regula – esse fetiche tão caro a toda tradição liberal – se transforma imprescindivelmente em um punho de ferro no qual se concentra a violência subjugadora do Estado hobbesiano. Configura-se assim a indissolúvel oposição entre as necessidades que se originam na esfera da produção capitalista e a preservação de uma institucionalidade democrática que, numa época de crise generalizada, se converte em grave lastro do qual a burguesia

⁸ Segundo Martínez (2011) – ex-Secretário Geral do MPL –, as principais regionais do movimento foram constituídas nos Departamentos de Concepción, San Pedro, Canindeyú, Alto Paraná e Caaguazú, tendo uma regional em construção em Caazapá.

combate por desprender-se o mais rápido possível (BORON, 2003. p. 86).

Paralelamente a isso, haviam ainda as dificuldades encontradas pelos líderes revolucionários *francistas* em seu trabalho de formação de quadros, quase todas de ordem financeira, ligadas à locomoção, alimentação, estadia, perda de rendimentos em seus trabalhos, sem haver uma forma alternativa de financiamento.

Enquanto o MPL empreendia seu trabalho de criação de quadros revolucionários *francistas*, ocorria a disputa das eleições municipais de 1996 e 2001 e as gerais de 1998, nas quais adotou a postura de participação conjunta com outros movimentos da esquerda paraguaia. Claro está que o objetivo de tal aliança residia no fortalecimento do MPL, presente em dois fatores: por um lado, participava de organizações maiores, com mais oportunidades de inserção a nível nacional; por outro, facilitava o trabalho de criação de quadros nas regionais de ação do MPL, já que não tinha como preocupação central o fortalecimento de uma candidatura nacional, buscando nas localidades o seu estabelecimento e consolidação (MARTÍNEZ, 2011).

Todavia, esta forma de ação não era apreciada da mesma forma por todos os integrantes do MPL, tendo sua principal oposição nos militaristas, que não observavam as mesmas possibilidades que os demais em uma união com a esquerda progressista democrática. Tal posicionamento relaciona-se com a aproximação dos progressistas com a oligarquia, especialmente visível no oportunismo de grande parte dos líderes da esquerda paraguaia, perseguidores de cargos nas instituições públicas por meio de sua proeminência dentro dos movimentos sociais (BRITZ, 2011).

Essa concepção advém da atomização dos movimentos, paralelamente ao caudilhismo dos seus líderes, criando um quadro político-social em que os 40 mil

campesinos organizados estão distribuídos em cerca de 650 organizações, formalizando um processo por busca de manutenção de espaço próprio dos líderes (MAG *et al.*, 1997). Essa mesma informação permite analisar de forma mais clara o argumento militarista, não apenas no concernente ao personalismo e caudilhismo dos líderes progressistas, como também no alto grau de dificuldade para articular uma frente ampla de esquerda, com possibilidades reais de êxito eleitoral, devido justamente à excessiva fragmentação das organizações de base, determinando as possibilidades de coalizão em torno de favorecimento ao acesso a cargos públicos.

Quanto a este fator, já era elencado por Gramsci (2012) como sendo um dos mais corrosivos às aspirações populares de conquista do poder, pois sua associação se dava de forma corporativista, imediatista, aglutinando apenas as vontades e necessidades econômicas de determinado grupo social, encerrando-se na lógica econômico-corporativista. Tal interpretação do processo revolucionário vai de encontro com os preceitos sugeridos por Lênin (2011), de que para a verdadeira revolução fazia-se necessária a superação da consciência econômico-corporativa, para uma mais ampla que englobasse todas as forças revolucionárias da sociedade.

Gramsci (2000, p. 195-196) alertava para a incapacidade dos movimentos sociais se perpetuarem ao longo do tempo na luta por suas demandas, dado que não possuem um grau de organização similar às instituições mais complexas e hierarquizadas, como os partidos políticos. Por isso, “[...] não se pode pensar em uma ‘paixão’ organizada e permanente: a paixão permanente é uma condição de orgasmo e de espasmo, que determina incapacidade para atuar”.

A evolução do militarismo dentro do movimento revolucionário *francista* representava uma confrontação extra a travar-se com a oligarquia paraguaia, especialmente por esta ter grandes aliados na imprensa nacional. Bastava a

perpetração de qualquer ação armada contra a oligarquia, que viesse a ser atribuída aos militaristas, que todos os *francistas* seriam enquadrados como contraventores, conseqüentemente empreendendo-se uma campanha contra o movimento revolucionário paraguaio. Ações esparsas e eventuais começam a ser efetivadas a partir de 1997, tomando cada vez uma proporção maior, mas ainda em caráter regional, restringindo-se aos Departamentos de Concepción e San Pedro (MARTÍNEZ, 2011).

Em 2003, avaliando que a evolução do trabalho do MPL havia alcançado um patamar propício, forma-se o *Partido Patria Libre (PPL)*, como Partido marxista-leninista, participando da coalizão *Izquierda Unida* na disputa das eleições gerais daquele ano. O Partido Colorado seguia elegendo a maior parte dos representantes, mantendo a dominação da elite oligárquica na política nacional (CIANCIO, 2008), no entanto, os revolucionários *francistas* conseguiam considerável projeção nacional após o pleito (MARTÍNEZ, 2011).

A concepção do PPL da necessidade – além da conscientização de classe dos camponeses paraguaios –, da participação na esfera eleitoral advém do reconhecimento do processo para a implantação da democracia de massa, seguindo a mesma lógica da implantação do socialismo, tendo suas bases estruturais já ensaiadas durante o regime democrático burguês:

(...) Seria um erro supor que essa nova democracia, em todos os seus aspectos, só possa surgir *após* a conquista do poder pelas classes trabalhadoras. (...) Esses elementos da nova democracia (da democracia de massa) já se esboçam – em oposição aos interesses burgueses e aos pressupostos teóricos do liberalismo clássico – no seio dos regimes políticos democráticos ainda dominados pela burguesia. (...) Trata-se de eliminar o domínio burguês sobre o Estado a fim de permitir que esses institutos políticos democráticos possam alcançar pleno florescimento e, desse modo, servir integralmente à libertação da humanidade trabalhadora (COUTINHO, 1980. p. 26).

No entanto, os militaristas avaliam a democracia oligárquica por pressupostos diferentes, seguindo o raciocínio de Rosa Luxemburgo, dogmatizando-a para suprimir a concepção eleitoreira do PPL, tornando inevitável a utilização da tática armada. Segundo esta perspectiva, o parlamentarismo burguês formalmente:

(...) serve para exprimir na organização do Estado os interesses do conjunto da sociedade. Mas, por outro lado, o que o parlamentarismo representa aqui é unicamente a sociedade capitalista, quer dizer, uma sociedade onde predominam os interesses capitalistas. Por consequência, nessa sociedade, as instituições formalmente democráticas reduzem-se, no seu conteúdo, a instrumentos dos interesses da classe dominante. (...) A ideia da conquista por uma maioria parlamentar aparece como um cálculo errado: preocupando-se unicamente, à semelhança do liberalismo burguês, com o aspecto formal da democracia, descuida-se totalmente do outro aspecto, o do seu conteúdo real (LUXEMBURGO, 2009. p. 59-60).

O PPL havia se tornado uma organização hostil aos interesses da oligarquia paraguaia, aparentemente possuía uma sólida organização de base em seus Departamentos de atuação, incitando a percepção da necessidade de contê-la antes de uma ascensão nacional, unindo os demais movimentos de esquerda em sua volta. Tal hipótese pode ser comprovada ao observar-se que o trabalho efetuado pelo MPL, consolidado com a formação do PPL, baseava-se na criação de consciência de classe nas massas populares paraguaias, basicamente junto aos camponeses. Com a conscientização dos camponeses de que o PPL era um instrumento pelo qual poderiam ascender ao poder, visando à efetivação das políticas públicas que estes demandavam e que não seriam feitas por um governo oligárquico – ou que tivesse qualquer ligação com a oligarquia –, grandes parcelas da população poderiam aderir ao partido, dificultando ainda mais a manutenção da dominação oligárquica, apresentando uma possibilidade real de câmbio social, por meio da ascensão de um governo socializante (BOZZOLASCO, 2013).

Aproveitando-se da ação recorrente dos *francistas* militaristas (fartos dos fracassos eleitorais), empreende-se uma campanha contra-revolucionária que evidenciará as debilidades do movimento revolucionário paraguaio, e ao mesmo tempo possibilitará a observação das debilidades da oligarquia agroexportadora. Essa campanha se inicia com o sequestro de Cecilia Cubas, filha do ex-presidente Raúl Cubas Grau (1998-1999), em 2004. Cecilia é encontrada morta em cativeiro e a partir deste evento os principais líderes do PPL são acusados pelo crime, até mesmo os integrantes de seu Comitê Político, supostamente os orquestradores do sequestro e da morte de Cecilia. A maior parte do Comitê Político acaba sendo condenada, enquanto os militaristas logram escapar (BOZZOLASCO, 2013).

O PPL debilita-se profundamente – já que o principal órgão do partido era seu Comitê Político –, e os integrantes que tentam seguir o trabalho realizado até então esbarram na campanha contra-revolucionária, que cria uma imagem terrorista desta organização. Como os militaristas ainda estavam livres, o PPL era conjunturalmente marginalizado e ascendia uma nova organização revolucionária, que se utilizaria da tática armada para buscar efetivar a revolução socialista paraguaia.

Deste modo, entre 2005 e 2008 ocorre o treinamento para a formação da guerrilha armada *francista*. Esta vem a ser conformada e concebida em 1º de março de 2008, sob a égide do *Ejército del Pueblo Paraguayo (EPP)* (BRITZ, 2011). As ações do grupo armado contra a oligarquia tornam-se mais frequentes e organizadas, oferecendo maior notoriedade ao mesmo, ainda mais se levarmos em consideração a campanha contra-revolucionária e anti-terrorista que segue sendo empreendida.

Concomitantemente à formação do EPP, outro evento alterou profundamente o debate revolucionário paraguaio: a eleição de Fernando Lugo para a presidência da República, findando a hegemonia do Partido Colorado, de

seis décadas (CIANCIO, 2008). Fernando Lugo sabia que simplesmente uma união de partidos de esquerda, enraizados em estruturas caudilhistas, não seria capaz de derrotar a oligarquia nacional e empreender um governo autônomo, que conseguisse sua completa autopromoção. Fazia-se necessária uma união com a oligarquia, para assim lograr a vitória no pleito. No cálculo de poder feito por Lugo, valia mais aliar-se à oligarquia e assim conseguir alguns cargos, do que intentar uma campanha própria que seria sufocada pelos interesses oligárquicos (PAREDES, 2008).

Conformava-se, assim, a *Alianza Patriótica para el Cambio (APC)*, a coalizão que reunia partidos das mais diversas ideologias, líderes dos mais diversos movimentos, interesses econômicos e políticos de toda sorte, em uma única proposta⁹ (PAREDES, 2008). Dois fenômenos podiam ser extraídos de tal aliança: a união dos líderes da esquerda progressista com a oligarquia e a burguesia evidenciavam a prioridade na busca de cargos públicos, que seriam alcançados somente com a sua inserção no regime oligárquico; os interesses da oligarquia nacional seriam prioridade em qualquer formulação de política pública pelo governo, ficando este à mercê do modelo agroexportador.

Quanto à eleição de Fernando Lugo em 2008 e a APC, as opiniões dos revolucionários paraguaios se dividem. Os *epepistas* (militaristas) consideram uma afronta ao movimento revolucionário, sendo apenas uma união de pseudo-socialistas, pequeno-burgueses e a oligarquia, buscando manter a dominação oligárquica e enfraquecer os demais revolucionários (BRITTEZ, 2011). Mantendo

⁹ A APC teve apoio do PLRA (Partido Liberal Radical Auténtico), do PMAS (Partido del Movimiento al Socialismo), PCPS (Partido Convergencia Popular Socialista), PDC (Partido Demócrata Cristiano), PPS (Partido País Solidario), PPT (Partido Popular Tekojoja), PDP (Partido Democrático Progresista), PRF (Partido Revolucionario Febrerista), PFA (Partido Frente Amplio), PEN (Partido Encuentro Nacional), Bloque Social y Popular, de setores do UNACE (Partido Unión Nacional de Ciudadanos Éticos) e do PPQ (Partido Patria Querida), bem como de dissidentes da própria ANR (Asociación Nacional Republicana).

a lógica retórica de Rosa Luxemburgo sobre o parlamentarismo burguês, os *epepistas* apresentam o real conteúdo da APC da seguinte forma:

(...) Os cargos burocráticos que antes premiavam preferencialmente aos colorados, converteram-se em saque da Aliança entre Liberais e pseudo-socialistas, de corrompidos dirigentes de agremiações e de não menos corrompidos sacerdotes e bispos católicos, que pretendem emular a Fernando “o sátiro de San Pedro” Lugo (...). Os novos governantes nunca pensaram em nenhuma reforma séria. Os planos reais tinham como meta a ocupação dos bem-remunerados cargos públicos, levar uma vida cômoda, tranquila e “honrosa”; colocar-se acima do povo e desfrutar do saque (...) (BRITTEZ, 2011. p. 15).

Já os *francistas* do MPL e PPL têm uma visão menos dogmática dos eventos ocorridos. Recorrendo-se à Martínez (2011), um dos principais líderes do MPL e PPL, observamos que estes *francistas* concebem a APC como uma organização com potencial revolucionário, que por vícios políticos de seus líderes tornou-se uma aliada da oligarquia. Segundo Martínez (2011), o PPL não teve espaço na APC pelo caráter terrorista que recebeu, o que permitiu com que os interesses partidaristas dos líderes da esquerda progressista triunfassem. Estes interesses representaram a união com a oligarquia, a desistência do ideal revolucionário em troca de cargos para os líderes caudilhos de alguns movimentos sociais paraguaios.

Martínez (2011, p. 137) elucida aos militaristas que seu posicionamento radical acerca das demais formas de luta popular acaba se assemelhando ao abandono de tal luta por parte dos *luguistas*, já que tomam sua forma de ação como a única plausível de efetivação prática:

O aventureirismo esquerdista, que reconhece só a força das armas, e o oportunismo eleitoral com sua negação categórica de qualquer ação armada, resultam afins, apesar de sua aparente contradição. Tanto um como o outro reduzem a diversidade de formas de luta que surgem da prática, a tão somente uma.

Não obstante, a ascensão ao poder de tal aliança reside na falta de consciência de classe na massa camponesa pobre, crédula nas capacidades excepcionais do ex-bispo Lugo e nos líderes dos movimentos sociais, rejeitando a esquerda leninista, vinculada ao EPP como organizações terroristas, promotoras do caos social.

A manutenção das incapacidades do Estado no atendimento das demandas da sociedade paraguaia – tanto no concernente à promoção do câmbio social (esperado pelos camponeses), quanto à manutenção da ordem liberal-legal (esperada pela oligarquia) – levou a uma escalada de eventos durante o governo Lugo, culminando na crise política de junho de 2012.

A partir de 2009 o governo Lugo começa a perder seus aliados oligárquicos, constituindo um movimento de atomização governista. Quanto mais ineficazes eram as respostas de Lugo à manutenção da ordem, maiores eram suas perdas de apoio¹⁰ (PAREDES, 2012). Concomitantemente evidenciava-se a debilidade governamental frente aos anseios camponeses, fomentando inquietações nesse setor da sociedade, que já não observava no governo Lugo uma possibilidade de atender suas demandas (PALAU, 2014).

Em 15 de junho de 2012, em uma ação de reintegração de posse, com a retirada de camponeses acampados na fazenda Campos Morombí, Curuguay (Departamento de Canindeyú), ocorreu o enfrentamento entre policiais e camponeses, que vitimou seis policiais e onze camponeses. A ação fora muito criticada, pela forma como foi planejada, pela sua execução, demonstrando uma clara insatisfação de vários setores da sociedade. O poder executivo nacional foi responsabilizado diretamente, já que a ação policial estava sob o marco de seus ordenamentos, e as suas movimentações após o ocorrido demonstraram uma

¹⁰ Durante o período de 2008 a 2011 o governo Lugo desfrutou de uma ilusória calma, enfrentando alguns reveses circunstanciais, como a perda do apoio oficial do PLRA (2009), do Partido Popular Tekojoja (2009), do Partido del Movimiento al Socialismo (2009) e do Partido Democrático Progresista (2010) (PAREDES, 2012).

inércia ímpar, fomentadora das críticas ferozes que levarão à deposição de Lugo (PAREDES, 2012).

A remanescente oligarquia aliada a Lugo (por meio da APC) rompeu definitivamente a aliança, pois o mandatário não havia oferecido as garantias necessárias para a manutenção de suas atividades de forma tranquila e segura, observando-se tal suposição nas frustradas ações policiais durante todo o governo, especialmente em Campos Morombí.

Em 22 de junho, após um processo relâmpago, a Câmara dos Deputados e o Senado da República votam favoravelmente pela destituição de Fernando Lugo. Em menos de dois dias, o processo havia sido encaminhado à Câmara, que por sua vez encaminhou ao Senado, constituído como tribunal do juízo político, tendo este – por 39 votos contra 4 – aprovado a destituição do presidente da República por mal desempenho de suas funções executivas¹¹.

2.3 CONSCIÊNCIA DE CLASSE NA REVOLUÇÃO PARAGUAIA

Ao se analisar o movimento revolucionário paraguaio, faz-se necessário recorrer às teses clássicas do socialismo científico, concebidas como as bases para o pensamento contemporâneo da prática revolucionária, fundamentalmente pelo fato de os *epepistas* e *francistas* utilizarem-se dessas teses como base para legitimar e sustentar a sua atuação. Realizando-se esse resgate se observará que o cerne da ideia consiste na hipótese de que das próprias contradições do sistema capitalista

¹¹ Foram levantados seis pontos para embasar o pedido de juízo político, para a deposição de Lugo, como fundamento para demonstrar sua incapacidade no exercício de suas funções: Não punir os camponeses que invadiam propriedades em Ñacunday; não garantir a segurança dos cidadãos e de não demonstrar vontade de enfrentar o EPP; ter autorizado, três anos antes, uma manifestação de movimentos sociais na frente do Comando de Engenharia das Forças Armadas; ter sido negligente nos acontecimentos de Curuguaty e em outros conflitos de terra; e, finalmente, ter assinado o Protocolo de Ushuaya-2, do Mercosul (PAREDES, 2012).

emergirá um movimento geral, envolvendo toda a sociedade numa imbricada rede de relações sociais (já concebidas durante a vigência do capitalismo), tornando possível e essencial a ascensão do socialismo. Para que ocorra este fenômeno, o socialismo científico apoia-se em três dados fundamentais do modo de produção capitalista:

(...) 1º - na anarquia crescente da economia capitalista que conduzirá fatalmente ao seu afundamento; 2º - sobre a socialização crescente do processo de produção que cria os primeiros fundamentos positivos da ordem social futura; 3º - finalmente, na organização e na consciência de classe cada vez maiores do proletariado e que constituem o elemento ativo da revolução iminente (LUXEMBURGO, 2009. p. 29).

Analisando esses três dados fundamentais, percebe-se nitidamente que apenas o terceiro consiste em um fenômeno a ser construído, os demais são consequências de eventos que já fazem parte do capitalismo. Essa percepção torna a consciência de classe uma força motriz essencial para o desenvolvimento da revolução socialista, podendo assim afirmar que somente a criação de consciência de classe possibilita a efetivação de uma revolução socialista de fato (LÊNIN, 2011; GRAMSCI, 2012).

Retomando os debates anteriores, evidencia-se que o maior desafio dos *francistas* consiste na elucidação da consciência de classe nos camponeses e operários paraguaios. Tal dificuldade emana de duas ordens de fatores: a contra-revolução oligárquica e a as deficiências do próprio movimento revolucionário.

A ação revolucionária junto à população torna-se tarefa árdua e penosa quando levamos em conta os meios disponíveis à contra-revolução oligárquica. A oligarquia agroexportadora paraguaia possui aliados poderosos, detentores dos principais meios de comunicação nacionais, que emitem as informações consumidas pela grande maioria dos paraguaios, tendo nessas informações a sua base para formação da opinião pública (BOZZOLASCO, 2013). Ademais, a

grande massa trabalhadora não possui outros meios para se informar, não possui ferramentas conceituais suficientes para formular uma concepção própria da realidade, apenas reproduzindo as discussões apresentadas pela imprensa oligárquica.

Por tudo o que foi dito é que a imprensa e os jornalistas em sua grande maioria cumprem o papel de dominação ideológica sobre a grande massa dependente da opinião de outros. Milhões de seres estão todos os dias frente a um televisor ou perto de um rádio, essa grande maioria não pensa nem opina, só escuta e fala do que escutou, não tem ideia própria, não tem outro meio para criar sua própria opinião, para pensar por sua própria cabeça, não lêem, não tem tempo para estudar ou participar em algum espaço de reunião educativa independente, para que possam analisar e classificar o que escutaram e viram pelo rádio e televisão, consomem como vem tudo o que lhes metem no cérebro pelos olhos e pelos ouvidos. Por isto, atualmente, a imprensa é o primeiro poder político e ideológico, é mais acessível um televisor que um livro (MARTÍNEZ, 2011. p. 164).

Até as eleições de 2003, a campanha publicitária oligárquica centrava-se na exaltação da democracia, de todos os benefícios que a manutenção deste regime político (com sua estruturação e institucionalização) traria à população se esta continuasse fiel ao ideário democrático liberal. O argumento da oligarquia prendia-se ao regime político democrático, advogando sua institucionalidade como o método pelo qual seria possível promover crescimento capitalista juntamente com a mudança social, sem haver caos ou desordem social e política (PAREDES, 2008). Esta forma de perpetuar a dominação oligárquica era efetiva por contar com o apoio da imprensa, que ocultava a incapacidade fundamental da proposta: a mudança social até poderia ser promovida, até o ponto em que viesse a obstaculizar a expansão do modelo agroexportador. E, como já analisado, no caso paraguaio isto ocorre na própria concepção da ideia, impossibilitando uma planificação plausível de ser eficiente.

O trabalho desempenhado pelo MPL, bem como de algumas outras organizações sociais, junto aos camponeses despertou algumas lideranças locais. Estas realizavam o trabalho posterior de divulgação das informações obtidas durante sua formação para os demais membros de suas comunidades. Desta forma, nas regiões onde o MPL mais atuava, parcela notável dos habitantes passou a ter informações distintas acerca de sua condição social. Somente a campanha midiática pró-democracia liberal não era mais suficiente para conter os anseios camponeses por mudanças.

O sistema democrático paraguaio já não conseguia se legitimar somente por meio do consenso dos dominados, por meio do discurso e da ideologia democrático-liberal, faziam-se necessárias mudanças que apontassem aos dominados que o sistema democrático ainda era capaz de representar e atender as demandas dos dominados, caso estes mantivessem sua adesão ao sistema (PAREDES, 2008; BOZZOLASCO, 2013).

Neste momento, valendo-se de circunstâncias conjunturais favoráveis, inicia-se uma nova ofensiva da oligarquia contra a esquerda paraguaia em geral. Por um lado, o estereótipo terrorista emerge como caricatura do movimento revolucionário *francista*. Por outro lado, segundo Martínez (2011), governos populares que se utilizam da restrição de algumas liberdades fundamentais são tomados como arquétipos de toda e qualquer forma de governo de esquerda, enquanto práticas similares são efetivadas nos centros democráticos internacionais, não recebendo as mesmas críticas da imprensa. Tais hipóteses ganharão projeção pelo caso Cecilia Cubas, passando a ser material midiático recorrente.

A contra-revolução lançou-se em uma campanha de morte contra nossos sonhos, busca convertê-los em pesadelos, afogá-los em sangue. Se nossos sonhos fossem uma fantasia não haveriam preocupado ninguém, nossos “castelos no ar”

preocupam, são o pesadelo dos oligarcas porque eles são a solução, a receita para acabar com a maldição do Paraguai (BRITZ, 2011. p. 29).

Internamente, o movimento revolucionário paraguaio enfrentava dificuldades para empreender uma campanha efetiva de conscientização das massas camponesas paraguaias do seu papel e do potencial que a organização teria, pois se defrontava com a ala militarista que via nas armas a única forma de consolidar a revolução e criar a consciência de classe, bem como com a esquerda eleitoreira, que visava beneficiar aos líderes caudilhos, conseguindo cargos por quaisquer meios necessários, dedicando suas ações a esta tarefa.

Enquanto os progressistas aliavam-se com a oligarquia para conseguir seus objetivos, renunciando ao projeto revolucionário popular, os militaristas seguiam acreditando que a “ponta dos fuzis” era a forma mais eficaz de conscientizar os camponeses e derrotar a oligarquia. Claro está que a aliança com a oligarquia é instrumentalmente inapta a qualquer intento revolucionário (PAREDES, 2012). O que se quer demonstrar é a incapacidade instrumental da via armada, sobretudo quando utilizada de modo insulado. O aporte leninista – ou mesmo o *guevarista*, mais próximo do caso dos militaristas – não concebe um único método para a realização da revolução. Para Guevara (1960) o conceito de guerrilha, em si, se reduz a uma simples categoria de método de luta a ser utilizado para se lograr um fim proposto, qual seja, a revolução socialista. O próprio Martínez (2011. p. 136) diz que “ser marxista-leninista consiste em saber determinar qual política se deve aplicar em uma ou outra condição”.

Ademais, a premissa *epepista* de que somente a força das armas poderia suprimir a oligarquia e consolidar o poder popular – por não conceber um movimento sob as regras da democracia (vista como oligárquica), que a faria perder sua capacidade revolucionária –, busca implantar uma revolução de forma autoritária, para posteriormente se converter em democrática. O

socialismo só pode ser alcançado com a eliminação da apropriação privada dos frutos do trabalho juntamente à superação da alienação política. Esta última prerrogativa “pressupõe o fim do “isolamento” do Estado, sua progressiva reabsorção pela sociedade que o produziu e da qual ele se alienou” (COUTINHO, 1980. p. 30).

Assim, considerando que a consciência de classe é imprescindível para a efetivação da revolução socialista (LÊNIN, 2011; GRAMSCI, 2012), no caso paraguaio o cenário é desfavorável aos revolucionários. A contra-revolução possui em seu favor: 1º – a campanha pró-democracia que ainda possui grande popularidade junto aos consumidores midiáticos; 2º – a campanha antiterrorista baseada nas ações violentas do EPP; e 3º – a nova campanha baseada na crise política paraguaia, fundamentada com a deposição do ex-presidente Fernando Lugo, que se tornou uma campanha anti-esquerda empreendida por alguns meios de comunicação.

2.4 PERSPECTIVAS E DESAFIOS PARA O ÊXITO *EPEPISTA*

Diante desse quadro é possível apresentar um diagnóstico acerca das perspectivas e desafios que se apresentam frente ao intento revolucionário militarista dos *epepistas*, visando à conflagração de um processo revolucionário decisivo no Paraguai, no início do século XXI.

Quanto às perspectivas de êxito dos *epepistas*, deve se observar a evolução histórica que o movimento guerrilheiro armado presenciou. De uma célula do movimento geral – durante o período do MPL e do PPL – o EPP se tornou o baluarte do movimento revolucionário paraguaio, resistindo inicialmente à organização extensiva que considerava o movimento armado uma tática sem

possibilidades relevantes para se consolidar e legitimar junto à população de forma estável. Com o enfraquecimento do PPL, a formação do EPP e o início de suas ações sistemáticas demonstraram que a organização alcançava um patamar que favorecia seu desenvolvimento e comprovava sua consolidação.

Entretanto, observar tão somente a manutenção do movimento armado ao longo do tempo não justifica a hipótese de que o mesmo poderia se consolidar e conflagrar a revolução. A hipótese central, que permite e justifica a suposição de que os *epepistas* poderiam desencadear um processo revolucionário origina-se das próprias contradições da democracia paraguaia. Neste sentido, as perspectivas de triunfo dos *francistas* armamentistas aumentam quanto mais ineficiente é a contra-ofensiva oligárquica, quanto maior se torna a descrença da população no governo democrático e em suas instituições, ou seja, quanto mais se enfraquece a legitimidade e a representatividade da democracia paraguaia, quanto mais espaço e apoio – seja de forma direta, na ala logística, seja de forma indireta, com a conscientização das possibilidades da vitória popular – os *epepistas* vão tendo junto aos paraguaios pobres (principalmente nos Departamentos marcados pelas assimetrias sociais, foco de sua ação), bem como quanto mais medo, temor, insegurança vão sendo perpetrados na oligarquia e em seus dirigentes e representantes. Deste modo, o EPP concebe as armas de fogo como as únicas ferramentas capazes de auxiliarem os revolucionários na luta popular (BRITTEZ, 2011).

Em contraposição, os desafios que se apresentam aos revolucionários militaristas paraguaios advêm de variados fenômenos, sendo enquadrados em duas categorias: os de ordem interna ao movimento e os de ordem externa ao movimento.

No que se refere aos desafios de ordem interna, consistem na criação de um Comitê Político para o movimento militarista, que possibilite empreender a

campanha de conscientização dos setores desfavorecidos da população, a fim de lhes dotar dos mecanismos necessários para a tomada do poder pela revolução popular. Da mesma forma, outro desafio é a criação de novos quadros guerrilheiros armados, processo que já vem sendo observado desde a sua formação, contudo, ainda não se constituindo em números consideráveis para ações de maior magnitude. Não obstante, a ala logística do EPP consolidou-se consideravelmente nos Departamentos de Concepción e San Pedro, auxiliando os guerrilheiros com provisões de qualquer gênero, porém não se envolvendo diretamente na luta armada.

Quanto aos desafios de ordem externa que ameaçam o desenvolvimento do movimento *epepista*, o consenso democrático-liberal amplamente apoiado e defendido pela hegemonia oligárquica, o estereótipo terrorista fomentado pela utilização da violência revolucionária e a campanha contra-revolucionária empreendida pelos governos aliados à oligarquia e auxiliados pela imprensa, todos estes fenômenos apresentam-se como grandes empecilhos ao intento *epepista*, tanto pela repressão governamental, quanto pela incapacidade em formar novos quadros revolucionários, além da incapacidade de lograr a legitimidade que permita representar os anseios das massas tal qual o regime democrático.

Além destes fenômenos, amplamente relevantes para avaliar os desafios ao EPP, elencaremos outros dois fenômenos, mais específicos da realidade revolucionária paraguaia, que decisivamente podem definir os rumos do movimento militarista. O primeiro deles é um processo que vem sendo desenvolvido desde a democratização, o da fragmentação e atomização da esquerda paraguaia e a recorrente promoção de líderes caudilhos nos movimentos sociais. Com isso, a esquerda progressista democrática paraguaia vê o movimento armado como ilegal e representante de uma concepção defasada da

revolução. Estes líderes atraem os camponeses sob o marco de suas organizações, com o pretexto de serem legalizadas e assim irão dar respostas mais efetivas às suas demandas, deslegitimando os *francistas*.

O outro fenômeno ainda não pode ser dimensionado em todos os seus efeitos para a esquerda paraguaia em geral, bem como aos *epepistas*. A crise política paraguaia, especialmente a deposição do presidente Fernando Lugo, representa um baque irreparável à esquerda paraguaia vinculada à Lugo por meio da APC. Os meios de comunicação mais importantes do país incansavelmente vincularam Lugo ao EPP¹², sendo que sua deposição irá refletir no desenvolvimento do movimento.

Uma análise prévia destes fatos já fora efetuada de maneira sensível e precisa por Martínez (2011. p. 124-126), apresentando as consequências que a aliança com a oligarquia traria ao movimento revolucionário paraguaio como um todo, sendo confirmado pelos eventos ligados à deposição de Lugo.

Não é única responsabilidade de Fernando Lugo, senão também da esquerda oportunista que aceitou aliar-se com seus inimigos ao não ser capaz de criar e apresentar à massa um programa político revolucionário bem definido, agora sendo governo, encontram-se boicotados e acusados de tudo, e é provável que sejam os sepultadores de um longo processo de ascensão popular revolucionária. (...) O pecado da esquerda aliancista é aceitar uma candidatura nestas condições, aliar-se com a direita e cair no oportunismo pelo cargo, deixando o papel de condutor revolucionário e muitos deles não poderão sair limpos da perseguição política dos partidos de direita e a imprensa pró-oligárquica.

Mesmo que o fenômeno ainda seja recente para se projetar determinadamente cenários e possíveis movimentos factuais, a análise de

¹² O diário ABC Color, de maior circulação no país, encarregou-se de empreender uma ampla campanha de deslegitimação de Lugo, publicando documentos que vinculavam diretamente Lugo com os membros do Comitê Político do MPL e do PPL, apontando suas opções ideológicas como congruentes com as dos terroristas do EPP (PAREDES, 2012).

Martínez (2011) corrobora as hipóteses centrais deste trabalho relacionadas ao insucesso da esquerda aliada à oligarquia.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A incapacidade estrutural e as debilidades institucionais do Estado paraguaio sob a democracia liberal-oligárquica oferecem todo o campo de ação necessário para o movimento guerrilheiro armado paraguaio, restando a conscientização das massas oprimidas de sua capacidade de luta revolucionária rumo a conquista popular do poder, tal qual nos antecedentes históricos paraguaios, aos quais se remetem os próprios revolucionários.

Entrementes, caberá aos militaristas a sensibilidade de perceber que a conscientização de classe não é lograda por meio das armas, não pode ser imposta à população. Tal evento corrói a estrutura revolucionária, cria uma organização autoritária, distorce o movimento e, como qualquer outra forma de autoritarismo, cria sua antítese, à qual cabe o processo de deposição desta organização.

Fidel Castro, em discurso à Plenária da Assembleia Geral da ONU em 1979 já havia mencionado:

Basta da ilusão de que os problemas do mundo podem ser resolvidos com armas (...)! As bombas poderão matar os famintos, os enfermos, os ignorantes. Mas não podem matar a fome, as enfermidades e a ignorância. Assim como não podem matar a justa rebeldia dos povos (CASTRO RUZ, 1979. p. 20).

Da mesma forma, podemos afirmar que as armas não podem construir um ideal estável. Tal tarefa está historicamente atribuída à conscientização dos indivíduos de sua condição momentânea e das possibilidades e ferramentas

existentes para eles transformarem-na. As armas podem matar indivíduos, no entanto, não poderão matar um ideal, em qualquer circunstância. Já mencionava o líder revolucionário camponês Agustín Acosta:

Nossa experiência demonstra-nos que o trabalho ideológico sistematizado, é uma fortaleza para defender o projeto político. Podem perder-se alguns quadros, mas a ideologia permanece intacta no povo, instalada nas bases, cumprindo assim o que fora expresso por Lênin que a organização deve ser de quadros e de massas (...) (ACOSTA, 2008. p. 74).

A contra-revolução utiliza-se de forma recorrente da violência revolucionária para deslegitimar as ações dos *epepistas*. Utilizam-se das fontes populares de informação (os meios de comunicação mais acessíveis como a televisão e o rádio) para criar uma imagem distorcida dos revolucionários, enquadrando-os na mesma categoria de terroristas, distanciando-os da população, impossibilitando um trabalho de consolidação da luta popular.

Valendo-se do marxismo-leninismo os *epepistas* cometem o engano de pensar que a utilização da luta armada será a forma ideal e irremediável de se alcançar a destituição da oligarquia paraguaia do poder. A própria teoria leninista concebe a revolução como podendo ser lograda por várias formas, que isoladas não conseguem alcançar o objetivo, atribuindo centralidade à conscientização de classe como elemento fundamental para conceber o pensamento e a ação revolucionária.

O militarismo inevitavelmente culminará em um movimento autoritário e caudilho, seguindo a lógica da estrutura político-social paraguaia, criando uma institucionalização instável, dentro do contexto internacional em que o país está inserido. Somente uma transformação no pensamento dos revolucionários *epepistas* possibilitará seu êxito e uma posterior estabilização, necessitando de uma união com os demais revolucionários paraguaios, trabalhando junto à

população para alcançar o processo de mudança de pensamento na população, conscientizando de suas condições e possibilidades de câmbio social.

Do contrário, mesmo que a revolução *epepista* venha a triunfar, não representará a “justa rebeldia dos povos” de que Fidel Castro mencionava, mas sim os anseios de um pequeno grupo de indivíduos que tomará o poder. Com a mesma força que as armas levam ao poder, podem destituir do mesmo. Já as ideias, estas só podem ser suprimidas por novas ideias, que venham a superar as anteriores.

A consciência é a única ferramenta capaz de alterar os cenários postos e construídos historicamente. Como mencionado por Sindulfo Agüero, líder camponês da OCN (*Organización Campesina del Norte*), pouco antes de seu julgamento: “(...) a consciência é a melhor arma. Não faz falta usar esse tipo de armas [de fogo], sim a arma da consciência, que é a verdade, a luz e a vida. Quando ela desperta, confio que quando o povo desperte, quando se abra a mente, transformará a sociedade¹³.”

Assim, as possibilidades de desenvolvimento de uma revolução socialista no Paraguai do século XXI mostram-se remotas. Mesmo com a crise de legitimidade e de representatividade que a democracia paraguaia vem passando, o trauma do regime autoritário *stronista*, a defesa da democracia como uma arena para a luta pela mudança social, fazem com que permaneça a percepção majoritária de que a superação das mazelas da sociedade paraguaia será possível apenas por meio da democracia, com a ampla conscientização das massas de seu papel histórico e do poder que possuem no seio da sociedade civil em um sistema democrático. Resta pouco espaço para os movimentos que possuem discursos e ações que evocam eufemisticamente um arcabouço teórico-prático que não são capazes de implementarem na prática.

¹³ A entrevista de Sindulfo Agüero à BASE Investigaciones pode ser acessada no seguinte sítio da internet: <<http://www.youtube.com/watch?v=3ZzqHfAzX8w>>.

REFERÊNCIAS

- ACOSTA, Agustín. **Reflexiones políticas desde la cárcel**. Buenos Aires: El Colectivo - América Libre, 2008. (tradução nossa).
- BORON, Atilio. **Estado, Capitalismo y Democracia en América Latina**. Colección Secretaría Ejecutiva. Ciudad de Buenos Aires: CLACSO (Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales), 2003. (tradução nossa).
- BOZZOLASCO, Ignacio González. **La encrucijada del cambio: análisis sobre la realidad social y política del Paraguay contemporáneo**. Asunción: Arandurã, 2013. (tradução nossa).
- BRITTEZ, Alcides Oviedo. **Programa Político del Ejército del Pueblo Paraguayo**. Publicação livre, 2011. (tradução nossa).
- BRUN, Diego Abente. **El Paraguay actual**. 1ª. Parte: 1989-1998. Colección La gran historia del Paraguay. Asunción: El Lector, 2010. (tradução nossa).
- CASTRO RUZ, Fidel. **Discurso pronunciado por el Comandante en Jefe Fidel Castro Ruz, Primer Secretario del Comité Central del Partido Comunista de Cuba, Presidente de los Consejos de Estado y de Ministros y Presidente del Movimiento de Países No alineados, ante el XXXIV período de sesiones de la Asamblea General de las Naciones Unidas, efectuado en Nueva York, el 12 de Octubre de 1979**. (tradução nossa).
- CEPALSTAT. **Bases de Datos y Publicaciones Estadísticas**. Comisión Económica para América Latina y el Caribe. 2014. Disponible en: <http://estadisticas.cepal.org/cepalstat/WEB_CEPALSTAT/perfilesNacionales.asp?idioma=e>. Acceso en: 8 de agosto de 2015.
- CIANCIO, Miguel Ángel Pangrazio. **La caída del Partido Colorado (1904-2008)**. Asunción: Intercontinental, 2008. (tradução nossa).
- COMISIÓN DE VERDAD Y JUSTICIA. **Informe Final (Anive haguã oiko): Tierras Mal Habidas (TOMO IV)**. Asunción: Comisión de Verdad y Justicia, 2008. (tradução nossa).
- COUTINHO, Carlos Nelson. **A democracia como valor universal**. 1 ed. São Paulo: Ciências Humanas, 1980.
- FOGEL, Ramón. Movimientos campesinos y su orientación democrática en el Paraguay. In: GRAMMONT, Hubert C (org.). **La construcción de la democracia**

- en el campo latinoamericano.** Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2006. p. 95-106. (tradução nossa).
- GLAUSER, Marcos. **Extranjerización del territorio paraguayo.** Asunción: BASE IS., 2009. (tradução nossa).
- GOIRIS, Fabio Anibal Jara. **Autoritarismo e democracia no Paraguai contemporâneo.** Curitiba: Editora da UFPR, 2000.
- GONZÁLEZ, Zulma Espínola. **Historia económica del Paraguay.** Colección La gran historia del Paraguay. Asunción: El Lector, 2010. (tradução nossa).
- GRAMSCI, Antonio. **Cuadernos de la cárcel:** Edición crítica del Instituto Gramsci - Tomo 6: Cuadernos 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28 y 29. (Puebla: Benemérita Universidad Autónoma de Puebla, 2000). (1. ed. Tradução de Ana María Palos). Tradução nossa
- _____. **La política y el Estado moderno.** Buenos Aires: Arte Gráfico Editorial Argentino, 2012. (tradução nossa).
- GUEVARA, Ernesto Che. **La Guerra de guerrillas.** Publicação livre, 1960. (tradução nossa).
- HOBSBAWM, Eric. **Globalização, democracia e terrorismo.** 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- LAINO, D. **Paraguai:** fronteiras e penetração brasileira. Trad. Jorge S. Rajoy. São Paulo: Global Editora e Distribuidora, 1979.
- LÊNIN, Vladimir Ilitch. **O Imperialismo: etapa superior do capitalismo.** Campinas: UNICAMP (Navegando Publicações), 2011.
- LUXEMBURGO, Rosa. **Reforma ou Revolução.** São Paulo: Expressão Popular, 2009.
- MAG (Ministerio de Agricultura y Ganadería), BM (Banco Mundial) y PNUD (Programa de las Naciones Unidas para el Desarrollo). **Construyendo el futuro agrario del Paraguay: Estrategia para el Desarrollo Humano Agro Rural.** Asunción: MAG, 1997. (tradução nossa).
- MARTÍNEZ, Osmar Feliciano. **La razón de mi prisión.** Buenos Aires: Editorial Cooperativa El Río Suena, 2011. (tradução nossa).
- MORA, Carlos. Participación y organizaciones campesinas en Paraguay. *In:* DE GRAMMONT, Hubert C (org.). **La construcción de la democracia en el campo latinoamericano.** Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2006. p. 343-365. (tradução nossa).

PALAU, Marielle. **Movimiento popular y democracia**. Asunción: BASE-IS, 2014. (tradução nossa).

PAREDES, Roberto. **¿A dónde va Paraguay? II**. Asunción: Edición al cuidado del autor, 2008. (tradução nossa).

_____. **Por qué cayó Lugo**. Asunción: Servilibro, 2012. (tradução nossa).

PORTANTIERO, Juan Carlos. **Los usos de Gramsci**. Ciudad de México: Folio Ediciones, 1983. (tradução nossa).

SAMPAIO JÚNIOR, Plínio de Arruda. Por que voltar a Lênin? Imperialismo, barbárie e revolução. Apresentação In: LÊNIN, Vladimir Ilitch. **O Imperialismo: etapa superior do capitalismo**. Campinas: UNICAMP (Navegando Publicações), 2011. p. 7-102.

TOGLIATTI, Palmiro. **Socialismo e democracia: escritos escolhidos do período 1944-1964**. Rio de Janeiro: Ilha, 1980.

VILADESAU, Tomás Palau; CABELLO, Daniel; MAEYENS, An; RULLI, Javiera; SEGOVIA, Diego. **Los refugiados del modelo agroexportador: impactos del monocultivo de soja en las comunidades campesinas**. Asunción: BASE IS., 2007. (tradução nossa).

VILLAGRA, Luis Rojas. **Actores del agronegocio en Paraguay**. Asunción: BASE IS./DIAKONIA, 2009. (tradução nossa).

_____. **La economía durante el stronismo**. Colección 60 años del Stronismo. Asunción: El Lector, 2014. (tradução nossa).